



Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág.394-424.

AS CIDADES AMAZÔNICAS E A DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO

Lucia Maria Barbosa Lira

RESUMO

Este artigo é um registro etnográfico das festividades de São Benedito em quatro cidades amazônicas que celebram o Santo Negro. Salienta-se que algumas citações fizeram parte de uma tese doutoral sobre o mesmo, na capital amazonense, onde também é celebrado, além das cidades de Bragança no Pará, de Alcântara no Maranhão e no Distrito da Freguesia do Andirá – Barreirinha no Amazonas. A escolha dessas quatro cidades se deve ao fato que, dados sobre a festa se entrelaçam, se entrecruzam, se comparam ou são distintas em vários ritos, pois as festas de santos e mesmo a igreja católica são repletas de simbologias. No trabalho de campo em cada uma das cidades visitadas durante o período da festa observou-se as etapas dos rituais, como os preparativos, da culinária, danças, cantos e a própria história da festa. Assim, como as relações de parentescos, afinidades e vizinhanças na trajetória dos festejos. Conclui-se refletindo que, as festas religiosas no país, principalmente as de santos católicos negros e tidos como populares, ainda são muito festejadas pelas comunidades negras, pois os devotos têm sentimentos de pertença, de respeito à ancestralidade e principalmente de identidade com São Benedito, que é o representante da humildade, penitência e das tradições de fé desde o período colonial.

Palavras-chave: São Benedito; Festas de Santo; Santo Negro, Celebração; Devoção; Tradição.

ABSTRACT

This article is an ethnographic record of the festivities of São Benedito in three different Amazonian cities that celebrate the Black Saint. It should be noted that some quotations were part of a doctoral thesis on the same matter, in the capital of Amazonas, where it is also celebrated, as well as in the cities of Bragança in Pará, Alcântara in Maranhão and District of Freguesia do Andirá – Barreirinha, in Amazonas. The choice of these four cities is due to the fact that the data about the festival intertwine, compare and differ in various rites, because the festivals of saints and even the Catholic Church are full of symbolisms. In the fieldwork in each of the cities visited during the period of the festival, the stages of the rituals, such as preparations, cooking, dancing, singing and the history of the festival itself were observed, as well as the relations of kinship, affinities and neighborliness during the trajectory of the celebrations. We conclude, by reflecting, that religious festivals in the country, especially those of black Catholic saints and considered popular, they are still mainly celebrated by black communities, as the devotees have feelings of belonging, respect for ancestry and especially of identification with São Benedito, which is the representative of humility, penance and traditions of faith since the colonial period.

Keywords: São Benedito; Feasts of Saint; Black Saint, Celebration; Devotion; Tradition.



INTRODUÇÃO

As festas religiosas amazônicas vêm sendo estudadas por pesquisadores para melhor entendimento de como a devoção aos santos católicos e trajetória da fé religiosa estão em consonância com a cultura afrodescendente e que continuam fazendo parte da tradição até os dias atuais.

As celebrações em honra aos santos católicos são sempre celebradas com muita festa, ladainhas, procissões, comidas e bebidas. As representações simbólicas relacionadas aos cultos de religiões de matriz africana ainda são destaques no ritual religioso. As manifestações como a música, cânticos e danças apresentam uma forte relação com o corpo, com a sensualidade, malícia e desenvoltura da mesma forma que antigos escravos se expressavam no momento do ócio permitido pelos seus donos.

Com a permissão para se regozijarem em determinados períodos do ano, principalmente em datas religiosas, os escravizados iniciaram a exprimir-se de forma a se deleitar para expressar a sua liberdade. Naquele momento permitido, principalmente após a colheita, quando podiam extravasar, com muito gingado, bebidas alcoólicas e toques de tambores, eles varavam a madrugada dançando, cantando, comendo e bebendo, uma antecipação comparada hoje ao carnaval.

Conforme Souza (2003), as chamadas “folias e festas de negros” se transformavam nos momentos mais esperados nas noites das senzalas, principalmente em homenagem aos orixás. Quando lhes foram permitidos sair das senzalas, numa liberdade consentida pelos seus “senhores”, alcançavam a cidade, organizando-se em bailes e festas populares.

O negro associava sempre seus cultos africanos às manifestações religiosas a algum santo católico. É o que se chama hoje de sincretismo, uma fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos.

Dentre os diversos homenageados nessas festas estão os santos negros, como São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, dentre outros. A escolha da



devoção a estes santos se deu por os escravos se viam representados pela cor negra do santo.

Del Priore (2000), em seu livro “Festas e utopias no Brasil Colonial”, afirma que as celebrações eram espaços de socialização, de alegria e rompimentos de normas. O povo deixava de ser o espectador e promovia seu próprio espetáculo, também nos festejos e procissões. Nessas festas, eles passavam a ter certa visibilidade, pois os seus comportamentos mudavam com a alegria emanada de seus corpos. Uma celebração à vida.

Um desses santos mais populares no Brasil é São Benedito, o qual é celebrado de norte a sul do país. A devoção dos escravos, no Brasil Colônia, tinha no Santo um defensor poderoso com grande popularidade e com características semelhantes: cor negra, humildade, penitência e sempre pronto a servir.

As festas religiosas, uma das principais manifestações de devoção aos santos católicos, no Brasil acontecem o ano inteiro, arrastando milhares de fiéis, através dos ritos de romarias e procissões para homenagear seus santos de devoção, pois a religiosidade ainda é um dos traços mais evidentes na cultura brasileira. Souza (2013, p. 5) ressalta sobre o catolicismo popular na área rural,

Os praticantes do catolicismo popular são o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural (SOUZA, 2013, p. 5).

Para o autor, esse conceito contrasta com os setores intelectuais da Igreja, que tenderam, historicamente, a ver suas manifestações com um misto de desprezo e desconfiança, reconhecendo-as, contudo, como estratégias válidas e eficazes para a manutenção da fé católica no seio da população.

Os praticantes do catolicismo popular não se opõem aos atributos do clero, mas criam os seus próprios, que são organizados e praticados por leigos que buscam, em maior ou menor grau, manter sua autonomia enquanto fiéis. Assim, se declaram filhos



da Igreja, exercendo seus cultos e ritos eclesiais de forma bem menos rígida, sem regulação, vigilância e atualmente em cerimônia bem mais moderna, adequando-se à dinâmica dos novos tempos. Segundo Aragão (2013, p. 3),

A singularidade da religião católica no Brasil que está vinculada aos santos negros reafirma valores socioculturais de natureza religiosa híbrida própria da religiosidade brasileira, e informa sobre momentos de celebração e festa onde fazem parte os elementos da religiosidade afro-católica (ARAGÃO, 2013, p. 3).

Logo, manifestar-se em devoção, em honra a determinado santo faz parte da religiosidade católica. Porém, o espírita Francisco Cândido Xavier um dos mais importantes expoentes do espiritismo brasileiro diz que,

A súplica da intercessão é dos mais belos atos da fraternidade e constitui a emissão das forças benéficas e iluminativas que, partindo do espírito sereno, vão ao objetivo visado por abençoada contribuição de conforto e energia. Isso não acontece, porém, a pretexto do obséquio, mas em consequência de leis justas. O homem custa a crer na influência das ondas invisíveis do pensamento, contudo, o espaço que o cerca está cheio de sons que os seus ouvidos materiais não registram; só admite o auxílio tangível, no entanto, na própria natureza física, veem-se árvores venerandas que protegem e conservam ervas e arbustos, a lhes receberem as bênçãos da vida, sem lhes tocarem jamais as raízes e os troncos (XAVIER, cap. 17).

Xavier explica que, através da prece, o homem pode obter a graça que suplicou, pois, forças invisíveis para a obtenção de uma graça são conseguidas através da intercessão, que é uma manifestação da espiritualidade, dando como exemplo as árvores venerandas que protegem as pequenas, pela própria natureza física. Fazer da oração, da súplica, da penitência, dos jejuns, da adoração a Deus, através do culto aos santos, tornou-se uma das práticas mais comuns da religião católica brasileira.

Segundo Motta Bastos (2006), o culto aos santos constitui uma das manifestações da religiosidade das sociedades que se propagou vertiginosamente, desde a Alta Idade Média ocidental. A devoção, segundo o autor, provoca mudanças que ajudam a extravasar os anseios, a preocupação, o sofrimento. No Brasil não poderia ser diferente, com a imposição da religião católica para rezar, assistir às missas e reverenciar seus santos tornou-se uma prática até os dias de hoje.



Quem foi São Benedito?

São Benedito nasceu na Sicília, em 1526, filho de escravos, mas foi libertado ainda muito jovem por seu dono. É chamado de "O Santo Mouro", por causa de sua cor negra, descendente de etíopes.

Sempre viveu recluso, com contato direto com a natureza e a rusticidade da vida dos campos. Por ser negro era sempre sujeito a insultos, zombarias pelas crianças que viviam em sua companhia, Mas, sempre soube suportar com resignação às palavras agressivas e ásperas (MENEZES, 1959, p. 51). Na vida adulta, foi pastor de rebanhos e lavrador até que um santo eremita chamado Jerônimo Lanza, percebendo que os outros roceiros caçoavam de Benedito e que o mesmo permanecia sereno perante as palavras ofensivas e vendo nele uma alma cândida, pediu que ele o seguisse para o eremitério (lugar solitário para as orações).

A partir de então, sua vida foi dedicada à Deus, trocando a existência entre os homens para recolher-se a ermo em oração. Ainda Menezes (1959, p. 52), sobre a vida de eremita: “alimentando-se de ervas e frutos silvestres, dormindo ao relento, ou em alguma caverna, tendo por leito, o chão limpo”. Os eremitas desta época se isolavam para reviver os dias de isolamento como a de Jesus Cristo no deserto, porém os eremitas europeus, por não terem o mesmo cenário, buscavam refúgio nas montanhas e floresta.

Afirma ainda Menezes (1959, p. 53) que,

[...] No ano de 1562, o Papa Pio IV mandou que os eremitas se recolhessem aos conventos regulares das respectivas Ordens a que estavam filiados, - tendo o nosso Santo escolhido os franciscanos, e assim esteve em diversos conventos. Existindo o convento de Santa Maria, perto de Palermo, os seus Superiores mandaram Benedito para lá; e foi “este o teatro de suas virtudes e de seus milagres, o lugar de sua morte e de seu descanso, e onde, ainda hoje, se conserva o seu santo corpo preservado de corrupção” (MENEZES, 1959, p. 51).

O santo destacou-se por ser um exemplo de virtude, votos de pobreza, obediência e castidade e, por em nenhum momento, ter sua fé abalada por nada; até hoje seu corpo continua intacto, mesmo após mais de quatro séculos de falecimento. De fato, Deus tinha e tem um propósito para com seus devotos. Conforme Alves (2011, p. 5),



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

A popularidade de São Benedito é fruto secular dedicação que lhe devotaram as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, espalhadas pelo Brasil. Essas Irmandades, fundadas e mantidas pelos negros há mais de três séculos, que ainda hoje gozam de grande prestígio, serviram de espaço às reivindicações religiosas e político-sociais de escravos e libertos. Em suas igrejas, construídas por eles próprios, os negros celebravam sua fé, pois eram excluídos da participação da liturgia dos brancos. Misturavam suas crenças aos cultos cristãos, enriquecendo-os com sua ginga e maneira de ser. O gosto pela música, pela dança e por vestimentas coloridas contrastava com o formalismo e a frieza da liturgia católica medieval (ALVES, 2011, p. 5).

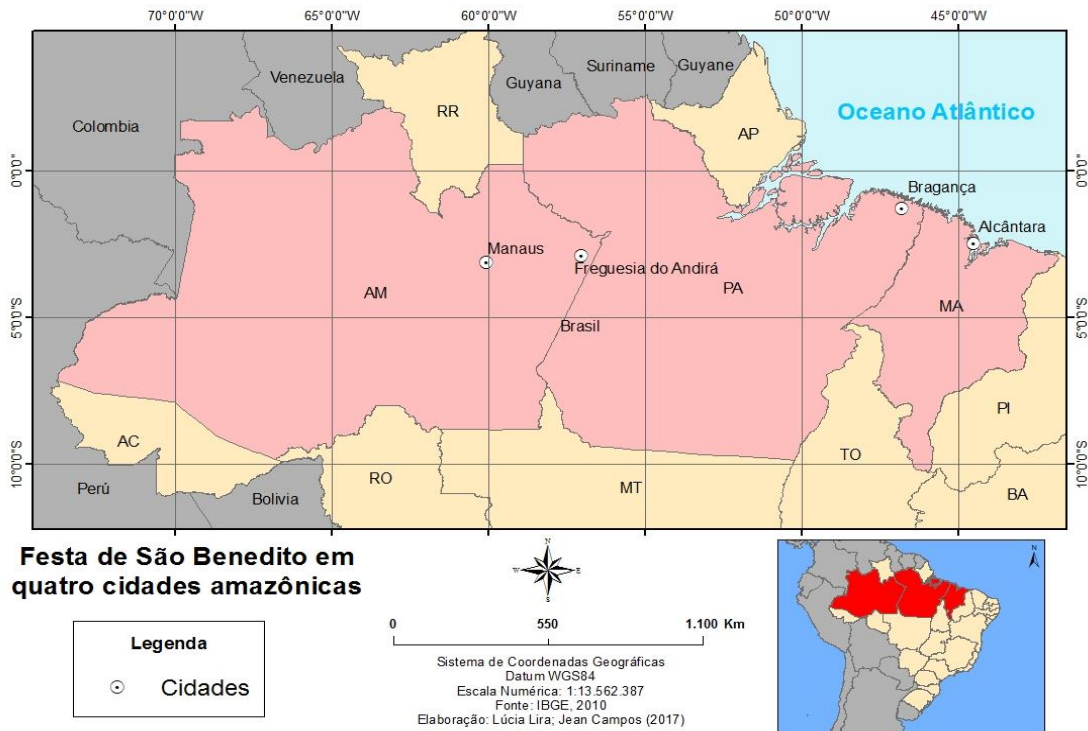
Por isso, ele é tão celebrado pelos afrodescendentes em todo território nacional. As festas em homenagem ao Santo Negro em quatro cidades amazônicas é parte de um trabalho de Tese onde foram pesquisadas diversas cidades onde São Benedito é celebrado.

A RITUALÍSTICA SIMBÓLICA E IDENTITÁRIA NA PREPARAÇÃO DOS FESTEJOS DE SÃO BENEDITO EM QUATRO CIDADES AMAZÔNICAS.

O objetivo das visitas nas quatro cidades amazônicas que celebram São Benedito foi conhecer, comparar, entender e entrecruzar informações a respeito da ritualística na preparação das homenagens que resultam em uma grande festa que perduram por dias em algumas delas. Estas comemorações têm datas diversas e com significados distintos entre elas.

A pesquisa iniciou na Comunidade do Barranco, Bairro da Praça 14 de Janeiro, Manaus/AM onde descendentes de famílias negras maranhenses homenageiam o Santo desde o final do século XIX. Outra visita foi em Freguesia do Andirá, Distrito do Município de Barreirinha a 372 km em linha reta da capital amazonense. Depois a visita foi na cidade de Bragança/PA 1488 km e depois em Alcântara/MA a 1737 km. Cf Figura 1 veja a visualização das cidades

Figura 1. Festa de São Benedito em quatro cidades amazônicas



Fonte: Lira e Campos (2017)

Apesar das cidades serem distantes uma das outras, a ritualística das celebrações é tem aspectos semelhantes na forma de realização, embora cada uma tenha as suas próprias peculiaridades. A maior parte das festas é realizada por famílias chamadas de “donos de São Benedito” (GALVÃO, 1955; SILVA, 2006).

Essa denominação se dá porque existe a hereditariedade na celebração dos festejos. É uma tradição que vai passando de pai para filho, de mãe para filha, de um membro de uma família para outro (a). São costumes e hábitos que são perpassados ao longo do tempo. A simbologia e as representações das festas religiosas, principalmente as de São Benedito, nada mais são que a formação identitária dos afrodescendentes que têm, no Santo, a força para enfrentar a discriminação e a desigualdade do povo negro brasileiro, uma problemática ainda não superada no país.

Para Ferretti (1996), num mesmo grupo de culto e em diferentes momentos podem ser encontrados separações, paralelismos, misturas e convergências. Nem todas essas dimensões do sincretismo estão sempre presente, sendo necessário identificá-las em cada circunstância. Tudo leva a crer que a origem é a mesma, porém em cada cidade



adquiriu suas especificidades e para investigar se utilizou a metodologia etnográfica para observar, situar e vivenciar o trabalho de campo comparando, entendendo e entrecruzando informações.

Ao visitar as cidades escolhidas foram especuladas como cada uma realizava sua festa, quais simbolismos utilizavam, quais eram as suas estruturas essenciais, assim como as explicações de vivências, memórias e sentimentos de devoção ao Santo. Em seguida, discorre-se etnograficamente a relação de fé e devoção dos organizadores da festa e dos devotos do santo milagreiro.

São Benedito - Freguesia do Andirá (Barreirinha/AM)

A razão da visita a este local foi por tomar conhecimento da celebração de São Benedito e que os organizadores da festa se vestiam de marujos durante a celebração. Logo, ocorreu a lembrança de que, em Bragança/PA, o mesmo acontecia, com uma grande repercussão durante o mês de dezembro, mesma data em que acontecia a festa na Freguesia do Andirá. A festa teve início em 1864 e desde então tem acontecido entre os dias 16 e 27 de dezembro.

Segundo o presidente da Associação dos Marujos do Distrito de Freguesia do Andirá (AMFA), Sr. Leão dos Santos, a festa é realizada pelo povo do Distrito, pelas comunidades adjacentes, e com a participação do povo de Barreirinha, Parintins e até da capital do estado.

A igreja possui três imagens do Santo, uma delas está guardada na sacristia, as outras duas ficam no altar. Dessas imagens, uma possui na cabeça uma coroa dourada e, em suas mãos um manto de cor verde. Na outra imagem, o Santo está posicionado em um barquinho de madeira enfeitado com bandeirinhas, em alusão à marujada e é esta que sai em procissão, por via terrestre e fluvial.

O momento mais emocionante da festa, segundo Leão dos Santos, é quando o cortejo terrestre se encaminha para a procissão fluvial, que acontece dia 26 de dezembro. Antes, ela percorre algumas ruas próximas à igreja, depois desce até a praia,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

com a imagem sendo carregada pelos marujos em um andor ornado com flores, cf Figura 2.

Figura 2. Procissão terrestre (Freguesia do Andirá - AM)



Fonte: Lira (2015)

Os devotos seguem até onde está um barco ancorado às margens do rio, que espera pela comitiva. O barco é decorado com bandeirolas e balões coloridos à espera do cortejo, que atravessa toda a largura da praia, para iniciar a procissão fluvial.

Chegando ao barco, o andor do Santo é colocado na proa, e os principais organizadores e alguns devotos assumem o comando. A embarcação sai deslizando pelas águas esverdeadas do rio Andirá, enquanto, os marujos tocam seus instrumentos musicais, com as “caixinhas, gambás, caracaxás e gajados (instrumentos confeccionados por eles mesmos)”, entoando rezas e louvores ao Santo.

Uma pequena definição desses instrumentos: a “caixinha” é construída em madeira, tocada com duas baquetas (bastões pequenos); o “gambá” consiste em um tambor, com aproximadamente um metro de altura, feito de tronco de madeira e coberto numa das extremidades com pele de animal, seu som lembra o ruído do animal gambá;



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

o “caracaxá” também chamado de raspador ou reco-reco também construído em madeira é tocado com uma vareta e, finalmente, o “gajado” que é feito com dois pedaços pequenos de madeira adicionados com tampinhas de garrafa de vidro metalizada, muito parecido com uma espécie de chocalho.

A bandeira com a efígie do Santo tremula ao sabor do vento. Outros barcos, canoas e rabetas, também conhecidas como voadeiras, acompanham o séquito religioso, seguindo até certo ponto do rio e retornando para dar prosseguimento às festividades em terra, novamente. A festa da Freguesia do Andirá é encerrada no dia 27 com o bingo do boi (doação de algum devoto) e bailes no barracão da Associação.

São Benedito - Alcântara (MA)

A cidade de Alcântara, município do estado do Maranhão está localizada há 1.737 km de distância em linha reta de Manaus e é reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio material como valor cultural, histórico, artístico, paisagístico, urbano e arqueológico, desde 2004.

O interesse em visitar esta cidade se deve ao fato de que lá também São Benedito é reverenciado pela população local. A primeira visita na cidade de Alcântara aconteceu entre os dias 15 e 17 de junho de 2015 para colher informações a respeito da festa. A viagem entre São Luiz para Alcântara foi feita em um barco pequeno que atravessa a Baía de São Marcos em um percurso de quase 20 km, com o tempo de viagem de uma hora e meia. É uma viagem muito perigosa devido à variação da maré que pode soçobrar embarcações de pequeno porte além de provocar enjoos aos passageiros. Existe outra opção por via terrestre e fluvial (*ferryboat*) com percurso mais longo, porém uma viagem mais segura.

A bela cidade histórica maranhense teve seu apogeu no século XVIII, sendo primeiramente colonizada pelos franceses, holandeses e portugueses. Muitos negros escravizados desembarcaram nesta localidade para trabalhar como mão de obra para a lavoura de algodão que, durante anos, foi o principal produto de exportação. Muitas histórias estão documentadas e contadas como esses africanos eram estabelecidos nas



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

senzalas à base do chicote. Abranches (s.d), em seu livro “O cativoiro”, relata os horrores como eram tratados esses “infelizes” na província do Maranhão.

A igreja onde abriga a imagem de São Benedito é a de Nossa Senhora Rosário dos Pretos, erguida em 1780 e benta em 1803, segundo o responsável pela igreja. A celebração a São Benedito é sempre realizada, anualmente, nos dias de lua cheia do mês de agosto. Isto se deve ao fato de que antigamente não havia energia na cidade e esperavam quando a lua estivesse em seu esplendor de luminosidade para realizar a festa.

Em 2016, a celebração ocorreu entre os dias 11 e 15 de agosto, quando a pesquisadora esteve presente na cidade. A festividade ao santo tem várias simbologias com representações dos costumes africanos. Uma delas é referente às danças, como o Tambor de Crioula praticada pelos descendentes negros, em louvor a São Benedito. Para Ferretti (2007),

O Tambor de Crioula é uma festa popular nos terreiros do Maranhão, manifestação lúdica de negras oferecidas em pagamento de promessa a São Benedito, com toques e danças de tambores, na qual se destaca a umbigada, considerada pelos antigos observadores como um rito de fertilidade (FERRETTI, 2007, p. 79).

A dança é realizada no adro da igreja, apenas pelas mulheres que dançam com fervor, com suas saias rodadas e coloridas. Elas são chamadas de coreiras ou dançadeiras. Esta é uma forma de expressão de matriz afrobrasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores.

Toda a marcação dos passos do ritmo é feita por um conjunto de tambores de diferentes tamanhos: pequeno, médio e grande. O tambor pequeno é conhecido como *crivador* ou *pererengue*; o médio é chamado de *meião*, *meio* ou *chamador* e o grande recebe, entre os tocadores ou coreiros, os nomes de *roncador* ou *rufad*, cf Figura 3 e 4.



Figura 3. Tipos de tambores



Fonte: Lira, 2015

Figura 4. Tocadores de Tambores



Fonte: Lira, 2016

Esses senhores agachados nos tambores na Figura 4 acompanham a procissão tocando os tambores. Em algumas paradas do trajeto que a procissão faz, eles tocam para as crioulas dançarem, o que confirmam os pesquisadores Souza Filho e Andrade (2012),

Em momentos da festa de São Benedito, na sede de Alcântara, quando os grupos de *tambor de crioula* percorrem a cidade, fazendo paradas nas igrejas (ou mesmo tocando e dançando dentro delas), exibem-se traços diacríticos mantidos sob certa invisibilidade no cotidiano. Esses rituais de agregação integram as famílias, extrapolam as fronteiras entre rural e urbano e juntam os participantes num plano que permite ver acionada a identidade coletiva (SOUZA FILHO e ANDRADE, 2012, p. 4).

Estas festas religiosas são momentos de celebração entre as famílias onde os laços de parentescos são estreitados a cada encontro, assim como de antigos vizinhos, comadres e compadres, nos encontros de conhecidos e afins. Muitas pessoas vêm de longe para participar da festa.

Os tambores são aquecidos na fogueira, ao lado da igreja, para que tenham uma afinação perfeita. Um par de matracas (instrumento musical que, quando sacudido, produz som para anunciar uma procissão). O instrumento substitui os sinos na Semana Santa) batidas no corpo do tambor grande auxilia na marcação. Para Ferretti (2002, p.



81), “isso é feito pelos seus próprios tocadores (coreiros), que, repetidamente durante essa fase de aquecimento, percutem seus respectivos tambores até sentirem, pelo som emitido, a afinação ideal”.

Esses instrumentos praticamente têm a mesma origem, pois em todas as festas de santo eles são praticamente iguais, mudando apenas os nomes dos mesmos, a quantidade de tambores é, praticamente, de três.

Galvão (1955, p. 5) descreve, também, sobre dois tambores da Festa de São Benedito em Itá, a cidade fictícia do livro *Santo e Visagens*: O “tambor mor” e o “tamborim”, ambos construídos de uma madeira ocada tendo em uma das extremidades uma pele para a percussão são batidos com as mãos, não se usa baqueta. Medem 1,20 m os maiores (tambor mor) e 0,70 a 0,80 os tambores menores (tamborins). Os instrumentos descritos por Galvão são semelhantes aos tambores da festa religiosa de Alcântara e da Freguesia do Andirá.

Com referência às danças o batuque do Tambor de Crioula é uma espécie de samba de roda dançado somente pelas mulheres, principalmente durante as festividades de São Benedito, ao som desses instrumentos.

Ferretti (2009) sobre o Tambor de Crioula informa que,

Em volta de uma grande roda, homens negros tocam tambores, entoam canções em homenagem a santos católicos, desfiam casos de amor e provocam outros cantadores. No meio, mulheres trocam passos miúdos e rodopiam para um lado e para outro com suas saias coloridas. Ao compasso das melodias, de gritos e palmas, dão umbigadas e convidam outras dançarinas, que cumprimentam os tocadores e também se exibem em círculos (FERRETTI, 2009, p. 1).

Durante os festejos, todas as noites, as coreiras expressam seus requebros em uma coreografia harmoniosa e vibrante (cabeça, ombros, cintura, quadris, pernas e pé), ao som dos tambores que são tocados pelos homens. Estas danças acontecem no adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, onde o santo está abrigado.

Ainda sobre o tambor de crioula, Ferretti (1996, p. 29) relata que, “embora constituído como fazendo parte de um sistema sagrado, é também praticado no momento de diversão”. Considerando esse ritual como espetáculo, os grupos se apresentam muito na época das festas juninas na cidade de São Luís e outras cidades



maranhenses. Sobre a sociabilidade festiva do acontecimento, Ferretti (2002, p. 21) assevera,

Muitas destas festas possuíam comemorações externas no largo das igrejas, incluindo divertimentos populares como arraial, banda de música, orquestras, leilões, bazares, iguarias, alvoradas, fogos, balões, cinemas e 'outras surpresas (FERRETTI 2002, p. 21).

Em Alcântara, o toque dos tambores faz com que todos comecem a contorcer o corpo pelo ritmo contagiante durante as noites dos dias dos festejos.

Del Priore (2000, p. 19) diz que,

As festas religiosas no período colonial iniciavam nos adros e portas das igrejas com cânticos e danças levados depois em cortejos de dançarinos e músicos à vizinhança e à praça pública. Como todas as igrejas antigas, comumente situavam-se nas praças, as festas eram sempre dentro e fora delas (DEL PRIORE, 2000, p. 19).

As mulheres chegam cedo com suas saias rodadas e estampadas para o volteio da dança e se entregam ao som dos tambores por toda à noite, cf Figura 4. Além das danças, acontecem novenas, a benção dos alimentos, uma tradição de ofertas de mantimentos por alguns devotos, os quais são doados às comunidades carentes que ficam à espera dentro e fora da igreja no domingo após a missa.



Figura 4. Dança Tambor de Crioula



Fonte: Lira, 2016

Salienta-se que, durante a procissão e durante as noites, se percebeu os coreiros tomando bebida alcoólica, enquanto os outros batiam os tambores. As garrafas de pinga ficavam por detrás da porta principal da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Muito estranho essa atitude, mas lendo o livro “Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa”, um dos autores cita que,

Desde a década de trinta, aparecem no livro do tombo [da Irmandade de São Benedito] diversas referências a abusos que alguns reis [congós] cometiam em suas festas, permitindo o consumo exagerado de bebidas alcoólicas e a presença de jongos (DIAS, 2001, p. 883).

Segundo o autor, ao frequentar algumas comunidades do tambor notou que as abluções (ritos de purificação como “lavagem”, muito comum no Cristianismo, Judaísmo e Islã) dos instrumentos com cachaça são uma constante em todas elas e que servem para o couro “abrir a voz” ou para acalmar as almas que se encontram ao pé do instrumento. Os tocadores também ungem as mãos com a bebida e se servem de um gole. Ainda conforme Dias (2001, p. 884),



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

A garrafa é mantida junto aos tambores e dela se servem todos, não se aceitando a bebida vinda de fora. Pois são vários os relatos dos efeitos nefastos da pinga *temperada* – com palavras, rezas – que por vezes circula na roda oferecida por gente de más intenções (DIAS, 2001, p. 884) (**Grifo do autor**).

A procissão sai da igreja a partir das 17h percorrendo as ruas e ladeiras do centro histórico de Alcântara, com duração de duas horas, quando, em cada esquina, mais devotos vão adentrando no cortejo religioso. Sobre as procissões, Del Priore (2000) diz que,

As procissões iniciaram desde o Governo-Geral de Tomé de Souza, quando chegaram os primeiros jesuítas. E que Rugendas, em visita ao Brasil no início do século XIX, espantou-se com o número exagerado de festas religiosas, que absorviam mais de cem dias por ano (DEL PRIORE, 2000, p. 22).

Rugendas foi um pintor alemão que viajou por todo o Brasil durante o período de 1822 a 1825, pintando os costumes do povo brasileiro. A difusão das procissões, ainda segundo a autora, em dias de festa religiosa, colocava em evidência a mentalidade das populações, que viam no rito processional uma função tranquilizante e protetora.

As procissões tinham várias finalidades como, homenagem aos santos de devoção; ora para atender a necessidades outras, como a saúde do rei, falta de chuvas, epidemias, dentre outras. Foi a partir do Concílio de Trento (1545 – 1563), uma reação da Igreja Católica à Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero na primeira metade do século XVI, devido o crescimento do protestantismo na Europa, que a igreja católica reagiu sobre esta doutrina, que ficou conhecida historicamente como Contra-Reforma) resultando nas festas religiosas que tomaram fôlego com os cultos dos santos e da Virgem Maria.

São Benedito – Bragança (PA)

O município de Bragança, no estado do Pará, realiza uma grande festa em homenagem ao Glorioso São Benedito por mais de 200 anos. A cidade está distante de Manaus em 1488 km em linha reta.



A sociedade bragantina foi constituída primeiramente por nativos indígenas, padres europeus, escravos, senhores e colonos tornando a cultura local muito rica em sua diversidade. O folclore bragantino institucionalizado pelas irmandades religiosas contém festas bem populares no estado do Pará atraindo uma multidão de pessoas da região, além de muitos turistas e devotos.

Segundo Silva (2006, p. 18), em sua dissertação de mestrado “Os donos de São Benedito”, a organização da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança iniciou em 1798, oriunda da mescla da cultura negra com a cultura do catolicismo ibérico entre os séculos XVIII e XIX.

Segundo um folheto explicativo da programação da festa do ano de 2014, a Irmandade da Marujada, outro nome dado à festa, foi uma iniciativa de 14 escravizados da então Vila de Bragança, que pediram aos seus **senhores**, autorização para se organizarem, para homenagear seu santo protetor (São Benedito). Com a aceitação, os negros foram dançar de casa em casa dos seus feitores, em forma de agradecimento.

Ainda no mesmo explicativo do livreto da programação existe a informação de que,

A festa inicia com a procissão fluvial no dia 08 de dezembro e durante quase todo o mês ocorrem atividades como os ensaios dos marujos (as), procissões, coleta de doações, esmolações, cavalhadas, missas, ladainhas, almoços, leilões e com o encerramento da festa no dia 26 de dezembro às 00h, com dança no entorno da Igreja de São Benedito pela Marujada e subida da imagem do Glorioso São Benedito ao Altar Mor, pela equipe responsável, com benção por aspersão em objetos religiosos e diversos, pelo presidente da festividade (LIVRETO, 2014).

Essa festividade de fato, tem uma repercussão muito grande em honra ao Santo Negro e é uma celebração não só dos munícipes bragantinos, paraenses, mas também de todos os devotos de São Benedito.

A marujada é o diferencial desta festa religiosa. É um ritual simbólico da construção da identidade das mulheres devotas que homenageiam o Santo dançando durante os festejos. São oriundas das diversas classes sociais da região. Conforme Silva (1997, p. 166), a marujada é tão antiga quanto a Irmandade do Glorioso São Benedito.



As “marujas”, durante os dias da festividade, vestem saias brancas com túnicas azuis alternando para a cor vermelha no dia da procissão cf Figuras 5.

Figura 5. Dança da Marujada (dias anteriores à Festa do dia 26/12)



Fonte: Lira, 2016

Segundo Carvalho (2010, p. 88), “em suas cabeças tem um chapéu de palha ornado com penas de patos e, na parte de trás do mesmo são posicionadas treze longas fitas coloridas e uma da cor preta simbolizando os escravos negros que deram origem ao ritual”, cf. Figura 6.



Figura 6. Cortejo das Marujas (Dia da Festa)



Fonte: Lira, 2016

Os **marujos** (homens devotos) também acompanham a simbologia com a mesma cor das vestimentas das **marujas**, usam calças brancas e camisas azuis ou vermelhas e colocam uma fita da mesma cor da camisa ao redor do braço. Usam, também, um chapéu de palha pintado de branco, com um lado virado, adornado com uma fita azul ou vermelha, conforme o dia da festividade.

Para o historiador Silva (2006), professor da Universidade Federal do Pará, “A Marujada é um auto popular ligada à dança. Faz parte do culto à São Benedito. Não acontece de forma independente. O sagrado e o profano são indissociáveis neste caso”.

O retumbão é uma das danças típicas da festa, quando as marujas passeiam em filas em passos curtos e volteios rápidos, enquanto os homens a cortejam. Os instrumentos musicais para esta festa são a rabeça, violino, banjo, pandeiro e o tambor.

São várias as etapas dos preparativos dessa festa paraense, a esmolação é uma delas. Silva (1997, p. 3-4) relata em seu livro “Os tambores da esperança”,



O ciclo ritual, denominado de esmolação do Santo, corresponde a um conjunto de pequenos cerimoniais que ocorrem no universo camponês do Município de Bragança e na cidade-sede, no período que vai de meados de maio a dezembro de cada ano. Entre esses cerimoniais estão a prática de cantar uma folia, isto é, uma quadra de versos com temas bíblicos, entoados na casa dos devotos de São Benedito, em troca de um donativo que pode assumir a forma de dinheiro ou gênero; a reza de uma ladainha, pelos foliões como parte do pagamento de uma promessa. [...] o momento mais importante de todo serviço de esmolação, entretanto, é o “ritual da reza” que ocorre sempre à noite, a partir das vinte horas, nas residências dos promesseiros (SILVA, 1997, p. 3-4).

As Comissões de Santo percorrem diversas regiões do município por ocasião da vazante das águas e início do verão, o que facilita a coleta dos donativos. No imaginário camponês, é a época de fartura, boa colheita e de dinheiro nas áreas geográficas do município: das praias, dos campos e das colônias. Estes donativos são levados a leilões com o propósito de angariar fundos para a celebração do Santo que inicia no dia 18 de dezembro e termina no dia 26 do mesmo mês, com a grande festa.

As principais manifestações religiosas, de modo geral, são as peregrinações, as procissões, as ladainhas, os terços, os rosários, a esmolação para angariar fundos para as festas, as orações ou preces, além da culinária específica para os dias dos festejos.

Uma das razões das semelhanças das festas em honra a São Benedito tem relação com a vinda dos escravos que chegaram à Amazônia e que trouxeram consigo uma diversidade cultural muito grande, aliada às manifestações religiosas e/ou crenças do catolicismo impostos pelos portugueses no Brasil.

Os escravizados que vieram para o Norte do Brasil, trazidos para a antiga unidade administrativa do estado do Maranhão e Grão-Pará, no ano de 1654, continuaram com a sua devoção a São Benedito, mesmo depois de suas fugas para as cabeceiras dos rios e cachoeiras, onde se espalharam para os lugares mais longínquos da Amazônia brasileira e que hoje perpetuam sua fé nas várias cidades da região.



A comunidade está localizada no Bairro da Praça 14 de Janeiro, na zona sul de Manaus e faz parte da identidade dos descendentes maranhenses, pela resistência, pelos costumes, religiosidade e fé em São Benedito. A Família Fonseca é descendente dos primeiros negros que chegaram ao bairro e mantêm viva a manifestação cultural religiosa, desde 1890. Ao longo dos anos alguns rituais de dança foram deixados para trás. No terreiro da Comunidade existia o Barracão de São Benedito, que no dia da festa havia danças, batuques e muitas comidas e bebidas. As senhoras idosas que vivenciaram esse tempo lembram com saudades da celebração.

O lugar, para esses moradores, tem valor sentimental, de pertencimento, parentesco, vínculo familiar, construção de relações socioespaciais, histórias de vida, laços afetivos, valores, cultura e religião. Alterar a significação desse espaço era romper com a subjetividade de uma data revolucionária conquistada pela população, no final do século XIX.

Para Claval (2001, p. 39), as relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço tem uma dimensão psicológica e sociopsicológica. Nasceram das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. Nesse espaço, eles vivem, sobrevivem, trabalham, adquirem experiências, tem crenças, religiosidade, rotinas, referências e sociabilização. O espaço não é apenas um ponto no mapa da cidade, mas, uma forte característica identitária, por isso, não pode ser indissociável dos agentes sociais que nele habitam.

Apesar de estar na área central de Manaus, o Bairro da Praça 14 de Janeiro, com todos os aparatos e equipamentos de modernidade, ainda consegue manter suas tradições festivas e folclóricas, como antigamente. Seja na quadra de esporte, seja em determinadas ruas que são fechadas para determinados eventos festivos, como os praticados durante a folia momesca (ensaios da Escola de Samba, blocos de foliões), festival junino com grupos de brincantes de cirandeiros, quadrilhas, danças nordestinas, dentre outras.



São muitas as manifestações trazidas pelos descendentes de maranhenses que se estenderam por todo o estado. As tradições trazidas por eles fazem parte da cultura amazonense.

Nos preparativos das celebrações em honra de São Benedito da Comunidade do Barranco, as mulheres são em maioria na organização, mas sempre com o apoio dos homens para que a festa tenha êxito. Ruth Landes no seu livro “A cidade das mulheres”, quando realizou sua pesquisa antropológica de campo, na Bahia e no Rio de Janeiro, entre os anos de 1938 e 1939 ficou admirada com a fibra da mulher baiana que, embora tivesse muitas atividades no seu dia-a-dia, executava-as com presteza e com tenacidade os trabalhos religiosos.

A religiosidade católica do Bairro da Praça 14 de Janeiro tem em seus santos diversas celebrações como as procissões, arraiais, bingos, carreatas com as imagens em cima de veículos e muita gente circulando pelo entorno das igrejas. Os santos festejados no bairro: São José (protetor da família e do trabalhador), São Cristovão (protetor dos motoristas), Nossa Senhora de Fátima (padroeira do bairro) e São Benedito (protetor da comunidade negra).

Como dito anteriormente, a Família Fonseca está no comando da festa, após o “dono do santo” ter morrido em 1926. O simbolismo da ritualística da Festa de São Benedito tem permanecido nesta comunidade por mais de um século. Para Lira (2016),

As reminiscências da história ou memória desse acontecimento pelos ancestrais negros tem sido o norteador para a continuação da festa de São Benedito até os dias de hoje. Através da oralidade dessas narrações pelas pessoas mais antigas da comunidade as tradições da festa continuam fazendo parte da simbologia e fé religiosa desse agrupamento de pessoas, que pela sua representação, significação e expressão da identidade e da luta por ações afirmativas ratificam a história ancestral e a continuação do *modus operandi* dos festejos, através dos ritos como o mesmo é realizado (LIRA, 2016, p. 2),

Para a autora, os tempos, a cultura e as pessoas mudam, porém algumas dessas pessoas ou grupos de pessoas permanecem resistindo às mudanças culturais e seguem através das gerações vigentes (grupo familiar, religioso, étnico, classe social ou político) perpetuando certas manifestações culturais dos seus ancestrais.

Segundo Lira (2014, p. 8), as festas religiosas sempre fizeram parte da cultura brasileira e continuam fazendo parte da memória dos grupos que a realizam. Esse



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

processo é constituído pelo imaginário e se manifesta através de uma ação simbólica ritualística que tem se perpetuado no decorrer dos anos, uma premissa de que os costumes ancestrais continuam muito fortes e vivos, perante a fé e a tradição de celebrar São Benedito.

As atividades da festa de São Benedito iniciam quarenta dias após o carnaval, no sábado de aleluia (como o carnaval não tem dia certo para acontecer, a festa do santo, também, não) e termina após nove dias de festejos. São rituais simbólicos que inicia nos meses que antecedem a festa com reuniões dos organizadores. Na Comunidade do Barranco, o ritual inicia com um café da manhã a todos os devotos presentes, antes da saída da comitiva para a mata, em busca do mastro, cf Figura 7.

Figura 7. Condução do mastro, em 2017



Fonte: Lira (2017)

A tradição dos mastros nas festas religiosas são eventos festivos e simbólicos realizados em várias cidades e municípios brasileiros, como Alter do Chão-PA, na Festa de Çairé; em Guarulhos-SP nas festividades de Nossa Senhora do Bonsucesso; em Pirinópolis-GO e Alcântara-MA por ocasião da Festa do Divino; em Capela-SE com a Festa de São Pedro; em Bragança e Belém-PA, na Freguesia do Andirá-Barreirinha,



assim como também em Portugal, nas cidades de Guimarães, Penafiel e Setúbal, dentre outras.

Ferreti (2005, p. 1), citando o simbolismo do mastro, no artigo “Festa do Divino no Maranhão”, esclarece:

O mastro preparado com tronco de árvore de 5 a 10 metros é um dos elementos simbólicos mais importantes. Sua presença assinala que a casa se encontra em período de festa. Costuma ser pintado ou enfeitado com folhas, frutos e bebidas. Segundo Câmara Cascudo (1962: 469), “os mastros votivos são reminiscências dos cultos agrários, homenagem propiciatória às forças vivas da fecundação”. Na festa do Divino, o mastro é um símbolo relacionado ao elemento masculino. São os homens que se encarregam dele no dia do buscamento, no levantamento e na derrubada. Nesses momentos, a bebida costuma estar presente junto com brincadeiras e piadas, destacando seu aspecto fálico. O mastro deve ser defumado, benzido e batizado pelas mulheres da casa e pelos padrinhos (FERRETTI, 2005, p. 1).

O mastro da festa de São Benedito da Comunidade do Barranco sempre tem como medida doze metros de altura e é retirado de uma árvore chamada enviriveira, com tronco liso e ereto, de uma mata já pré selecionada para este fim e levada para o local em frente onde o santo fica abrigado.

Após quatro ou cinco dias o caule pegando sol, ele é descascado, e depois ornado com palmas e frutos para ser erguido no sábado de aleluia, no final da tarde. Na mesma noite tem início as novenas a partir das 19h e prossegue até o nono dia.

O dia da ornamentação do mastro acontece todos os anos no sábado de aleluia, logo após o almoço. Ele é colocado inclinado do chão até o telhado de uma casa, para facilitar a colocação das folhagens de samambaias (*Nephrolepis exaltata*) que são muito comuns na região próprias para a decoração. Para adornar o mastro, elas são enroladas e presas no caule com uma fita de cetim vermelho, que vai circundando todo o tronco. O significado da cor vermelha da fita é da entidade *Averequete* (No sincretismo religioso São Benedito é a entidade *Averequete* (Preto Velho), no Candomblé). Volpato (2008) confirma o sincretismo de São Benedito com o preto velho,



Em São Luís se diz que o Tambor de Crioula é feito em louvor a São Bendito, que é santo preto e gosta de tambor. Ele é sincretizado com o vodum jeje-nagô, Averequete, originário do Daomé. Diversos encantados gostam e são homenageados com Tambor de Crioula: os Pretos Velhos, o caboclo Jarioldamo, devoto de São Raimundo, Seu Antônio Luís Corre Beirada e outros (VOLPATTO, 2008).

O sincretismo surgiu no Brasil Colônia quando os negros mantidos como escravos foram proibidos de expressar e/ou cultivar suas crenças religiosas pela imposição da Igreja Católica. A solução encontrada foi associar os orixás aos santos católicos e, assim, cultuam seus ritos até os dias de hoje.

O adorno do mastro com frutas diversas, como abacaxis, bananas (prata e pacovã), laranjas, cupuaçus, mamões, cocos, castanhas do Brasil, abacates, ingás, maracujás, dentre outras que permanecem amarradas ao tronco até o dia do encerramento, quando o mastro é derrubado, cf Figura 8.

Figura 8. Ponto de equilíbrio do mastro pelas três cordas de nylon



Fonte: Lira (2017)



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

No nono dia, a comunidade fica em festa, desde o meio dia os organizadores preparam a ornamentação do andor para a procissão. As flores são “Sorrisos de Maria, Monsenhor, Antúrios, Rosas variadas”, que irão compor os buquês ou cachos floridos com a imagem do Santo ao centro, cf Figura 9.

Às 17h inicia a procissão que segue da comunidade até a igreja da padroeira, Nossa Senhora de Fátima, onde o séquito adentra o recinto e assiste à missa das 17h30min. Após, a missa os devotos continuam em procissão pelas ruas do Bairro e retornam ao lugar de origem. No percurso são entoados cânticos, a reza do terço e também salvas de fogos de artifício.

Ao chegar ao recinto é rezada a nona novena, e em seguida o mastro é derrubado. É o ápice da festa, pois a multidão aguarda atentamente a subida de adolescentes, um de cada vez, que escalam o mastro por cima dos frutos para pegar um dinheiro que foi colocado próximo à bandeira do Santo. Nem todos conseguem, porém o que conseguir é aplaudido pelo grupo.

Figura 9. Andor de São Benedito



Fonte: Lira (2017)



Em ato contínuo são chamadas primeiramente, as pessoas mais velhas para abater o caule da Envira, com um machado. Assim, pouco a pouco o tronco tende a pender e quando acontece muitos correm para pegar alguns frutos que não se espatifaram com a queda. A algazarra é geral.

Outro ponto simbólico é a distribuição de comidas típicas oriundas da culinária africana (vatapá, mungunzá, bolos diversos, aluá (bebida feita com cascas de abacaxi com mangarataia) e sucos diversos. Todos se alimentam com as guloseimas. Toda festa de santo tem que ter, distribuídas ou não. Por isso, há os arraiais onde a prática de comer, beber, bingar, ajudar a igreja é uma tradição de longa data.

Para Hobsbawn (1984), as tradições são certas práticas usuais com o consentimento da maioria dos participantes e de forma repetitiva levam ao uso contínuo das mesmas, transformando-as em costumes, legados, herança cultural. E assim tem sido feito nestas festas religiosas.

CONCLUSÃO

Em resumo, os rituais católicos produzem emoções e mobilizam desejos. No ritual da celebração de São Benedito nas quatro cidades amazônicas visitadas, o ritual religioso emociona, dá esperança, solidariedade, comprometimento para fazer uma bonita festa.

As festas de Santo são bastante parecidas na sua forma de realização, embora existam algumas especificidades entre elas, até porque a cultura sofre a dinâmica de mudanças, onde os traços se perdem, outros são adicionados, independentes de qualquer sociedade. Porém, a simbologia da idealização, do pertencimento, da construção da identidade cultural continua. Para Hall (2015, p. 24), a “identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Ela está sempre em processo, sujeita às mudanças, modificações, hibridizações e a **novas** identidades.

As principais observações encontradas nas festas foram os marujos tocando seus instrumentos no barracão da Associação, em Freguesia do Andirá e as marujas dançando no barracão da Marujada de Bragança, em ambas as festas têm bingo, as cores



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

das roupas são iguais, embora não existam marujas no Distrito da Freguesia do Andirá. As datas das festas são no mesmo dia, ocorrem em 26 de dezembro.

A festa de Alcântara ocorre na lua cheia de agosto e da Comunidade do Barranco 40 dias após o carnaval. Na primeira, há distribuição de mantimentos para as pessoas necessitadas, na segunda distribuição de merendas (guloseimas) após as ladainhas durante o período de novena. Porém, em ambas e demais cidades pesquisadas, o fervor de homenagear o Santo Negro é sempre motivo de fé, tradição e agradecimentos por graças alcançadas.

A percepção de variações e semelhanças nos ritos faz parte da dinâmica da cultura, porém a origem do culto é como se alguém ou um grupo tivesse iniciado a celebração de uma forma, em determinado lugar e, a partir dali a disseminação ou propagação foi levada a múltiplas direções, pelos devotos em suas migrações.

O significante da simbologia dos mastros votivos tem significado do elo entre o céu e a terra, pela fartura, pela colheita, e como bem assinala Bachelard (1993), muito presente no cristianismo. Logo, que as festas religiosas continuem fazendo parte da comunidade católica e dos devotos de São Benedito.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Dunshee. **O cativoiro**. Academia Maranhense de Letras. São Luís, (s.d).

ALVES, J. **São Benedito** – Novena e biografia. Ed. Paulinas, São Paulo, 2011.

ARAGÃO, Ivan Rego. **Devoção negra aos santos católicos**: identidade, hibridização religiosa e cultural nas celebrações. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013. ISSN 1983. Disponível em:

<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/6.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2016.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

CARVALHO, Gisele M. de O. **A festa do “Santo Preto”**: tradição e percepção da marujada bragantina. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, DF, 2010.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000.

DIAS, Paulo. **A outra festa negra**. In: Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa. Vol. II. São Paulo: Hucitec: Ed. da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de zomadônu**. Etnografia da Casa das Minas do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 1996.

FERRETTI, Sérgio. **Tambor de crioula**: ritual e espetáculo. São Luís: Comissão Maranhense do Folclore, 2002, 2007.

FERRETTI, Sérgio. **Festas religiosas populares em terreiros de culto afro**. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades. Ed. Universidade Federal, do Amazonas, Manaus: 2007.

FERRETTI, Sérgio. **A Festa do Divino no Maranhão**. Texto publicado no Catálogo da Exposição Divino Toque do Maranhão. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular /IPHAN / MEC, 2005, p 9-29. Disponível em:

<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Festa%20do%20Divino%20no%20Maranhao.pdf>. Acesso em 12 mai. 2017.

FERRETTI, Sérgio. **Ao som dos tambores**: herança dos escravos, o tambor-de-crioula resistiu aos preconceitos e continua agitando São Luís e o interior do Maranhão. Revista de História (2009). Disponível em:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/ao-som-dos-tambores>. Acesso em 08 de mai. 2018.

FOLHETO INTERCESSÃO DO LIVRO PÃO NOSSO, cap. 17. Disponível em: <<http://www.italojreronita.blogspot.com>>. Acesso em: 23 mar. 2018.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá;** Amazonas. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1955.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ed. Vozes para a lamparina 2015.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LANDES, Ruth. **Cidades das mulheres.** Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.

LIRA, Lucia M. B. LIRA, Lúcia M. B. **A Fé na Festa de São Benedito do Bairro da Praça 14 de Janeiro, em Manaus.** Encontro Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia e a II Semana de Humanidades. Boa Vista, RR, 2014.

LIRA, Lucia M. B. **Estudo comparativo de duas festas de São Benedito no Amazonas: fé e devoção.** IV Encontro Brasileiro de Pesquisa: Cultura, Tradição e Inovação. Manaus, 2016.

LIRA, Lúcia M. B. **Construção Identitária** da Comunidade do Barranco: Festa de São Benedito. Orientador: Sérgio Ivan Gil Braga. 2018. 270 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, IFCHS, Manaus, 2018.

LIVRETO DO **GLORIOSO SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA** (2014).

MENEZES, Bruno de. **São Benedito da Praia** (folclore do Ver-O-Peso). Belém: M. Barra, 1959.

MOTTA BASTOS, M. J. **Santidade, hierarquia e dependência social na alta idade média.** 2006. Disponível em: <www.revistas.ufg.br > Capa > v. 11, n. 1>. Acesso em: 15 out. 2015.

SILVA, Dario Benedito R. da. **Os donos de São Benedito.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. UFPA, 2006.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

SILVA, Dedival Brandão da. **Os tambores da esperança**: Um estudo Antropológico sobre a Construção da Identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança. Belém: Falangola Editora, 1997.

SOUZA FILHO, Benedito; ANDRADE, Maristela de Paula. **Patrimônio imaterial de quilombolas – limites da metodologia de inventário de referências culturais**. Revista Horizonte Antropológico, Vol.18 n. 38 Porto Alegre July/Dec. 2012.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspecto do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

VOLPATTO, Rosane. **Tambor de crioula (MA)**. Disponível em: <http://www.rosanevolpatto.trd.br/dancatamborcrioula.htm>. Acessado em 26 abr.2015.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 11/12/2020.

Autora

Lucia Maria Barbosa Lira. Dra. Em sociedade e cultura na Amazônia (PPGSCA)

Endereço: rua Afonso Pena, 555 – apto 1101, cond. Life centro – centro, Manaus/AM – CEP 69.020.160. **TEL.** 99964-2229

E-mail: lucia@ufam.edu.br